

E depois, quando
saímos para ver a sua lanterna
da estrada, eu disse que gostava da forma como a luz
brilhava através do rosto que bruxuleava no escuro.

«Jack O’Lantern»,
Katrina Vandenberg em *Atlas*

As pessoas dizem que os amigos não se destroem uns aos
outros.

O que sabem elas sobre amigos?

Game Shows Touch Our Lives,
The Mountain Goats

Prólogo

Na minha opinião, toda a gente tem direito a um milagre. Provavelmente nunca serei atingido por um relâmpago, nem ganharei um Prémio Nobel, nem me tornarei ditador de uma pequena nação nas ilhas do Pacífico, nem terei cancro terminal do ouvido, nem entrarei em combustão espontânea. Mas se juntarmos todas as coisas improváveis, é provável que pelo menos uma delas aconteça a cada um de nós. Podia ter visto chover sapos. Podia ter pisado a superfície de Marte. Podia ter sido comido por uma baleia. Podia ter casado com a rainha de Inglaterra ou sobrevivido meses perdido no mar. Mas o meu milagre foi diferente. O meu milagre foi o seguinte: de todas as casas em todas as urbanizações de toda a Florida, acabei a viver ao lado da Margo Roth Spiegelman.

A nossa urbanização, Jefferson Park, fora uma base da Marinha. Mas quando a Marinha deixou de precisar dela, devolveu os terrenos aos cidadãos de Orlando, na Florida, que decidiram construir uma urbanização gigantesca, porque é isso que se faz aos terrenos na Florida. Os meus pais e os pais da Margo acabaram por ficar vizinhos logo após a construção das primeiras casas. Margo e eu tínhamos dois anos.

Antes de Jefferson Park se transformar numa Pleasantville¹, e antes de ser uma base da Marinha, pertenceu mesmo a um Jefferson, a um tipo chamado Dr. Jefferson Jefferson. O Dr. Jefferson Jefferson tem

¹ Cidade Agradável; alusão ao filme *Pleasantville — Viagem ao Passado*. (NT)

uma escola com o seu nome em Orlando e também uma grande fundação de solidariedade, mas o que é fascinante e incredivelmente verdade acerca do Dr. Jefferson Jefferson é que ele não era doutor de espécie alguma. Era um vendedor de sumos de laranja chamado Jefferson Jefferson. Quando se tornou rico e poderoso, foi a um tribunal, fez de «Jefferson» o seu nome do meio e depois mudou o nome próprio para «Dr.». *D* maiúsculo, *r* minúsculo, ponto final.

Margo e eu tínhamos nove anos. Os nossos pais eram amigos, por isso às vezes brincávamos juntos, passando de bicicleta pelas ruas sem saída até chegarmos ao Jefferson Park propriamente dito, o centro do círculo que compunha a nossa urbanização.

Ficava sempre muito nervoso quando sabia que Margo ia aparecer, porque ela era a criatura mais fantásticamente gloriosa a que Deus alguma vez dera vida. Na manhã em questão, ela vestia uns calções brancos e uma *T-shirt* cor-de-rosa com um dragão verde que cuspiam fogo de brilhantes cor de laranja. É difícil explicar quão espetacular eu achava esta *T-shirt* na altura.

Margo pedalava de pé, como sempre, braços tensos suportando-a enquanto se inclinava sobre o guiador, os ténis roxos criando um círculo de cor indefinível. Estava um dia escaldante de março. O céu estava limpo, mas o ar tinha um sabor ácido, como se uma tempestade se aproximasse.

Na altura, considerava-me um inventor e, quando trancámos as bicicletas e começámos a pequena caminhada até ao parque infantil, contei a Margo a minha ideia para uma invenção chamada Anelador. O Anelador era um canhão gigante que dispararia rochas grandes e coloridas até uma órbita muito baixa, dando à Terra o mesmo tipo de anéis que Saturno tem. (Continuo a achar que seria uma bela ideia, mas parece que construir um canhão que consiga disparar pedregulhos até uma órbita baixa é bastante complicado.)

Já tinha estado no parque tantas vezes que era como se tivesse um mapa no cérebro, por isso mal entrámos comecei a sentir que algo estava errado com o mundo, embora não conseguisse identificar imediatamente o *que* estava diferente.

— Quentin — disse Margo calmamente.

Ela estava a apontar. E então percebi o que estava diferente.

Havia um carvalho de folha perene a alguns metros de nós. Grosso, carcomido e com um aspeto antigo. Isso não era novo. O parque infantil ficava à direita. Também nada de novo. Mas desta vez havia um tipo com um fato cinzento encostado ao tronco do carvalho. Sem se mexer. Isso era novo. Estava rodeado de sangue, com uma fonte meio seca do mesmo jorrando-lhe da boca. Boca que estava aberta de uma maneira que as bocas não costumam estar. Moscas pousadas sobre a sua testa pálida.

— Está morto — disse Margo, como se eu não conseguisse perceber.

Dei dois pequenos passos atrás. Lembro-me de pensar que, se fizesse algum movimento súbito, ele podia acordar e atacar-me. Talvez fosse um *zombie*. Sabia que não existem *zombies*, mas ele parecia mesmo um *zombie* em potência.

Quando dei esses dois passos atrás, Margo deu dois passos igualmente pequenos e silenciosos para a frente.

— Tem os olhos abertos — disse ela.

— Temosdeirparacasacontar — respondi.

— Pensava que fechávamos os olhos quando morríamos — continuou.

— Margotemosdeirparacasacontar.

Ela deu mais um passo. Agora estava suficientemente perto para se esticar e tocar-lhe no pé.

— O que achas que lhe aconteceu? — perguntou. — Se calhar foram drogas ou qualquer coisa assim.

Não queria deixar Margo sozinha com o tipo morto, que podia ser um *zombie* agressivo, mas também não tinha grande vontade de ali ficar a tagarelar sobre as circunstâncias da sua morte. Reuni toda a minha coragem e avancei para lhe dar a mão.

— Margotemosdeirjá!

— Está bem, sim — respondeu.

Corremos para as bicicletas, o meu estômago às voltas com algo que parecia igualzinho a entusiasmo mas não o era. Subimos para as bicicletas e deixei-a ir à minha frente, porque estava a chorar e não queria que ela visse. Via sangue nas solas dos seus ténis roxos. O sangue dele. O sangue do tipo morto.

E depois estávamos cada um em sua casa. Os meus pais ligaram para o 112, ouvi as sirenes à distância e pedi para ir ver os carros dos bombeiros, mas a minha mãe disse-me que não. Depois dormi uma sesta.

Ambos os meus pais são psicólogos, o que significa que sou mesmo muito estável. Por isso, quando acordei tive uma longa conversa com a minha mãe sobre o ciclo da vida, e como a morte faz parte da vida, mas não de uma parte da vida com a qual tivesse de me preocupar especialmente aos nove anos, e eu senti-me melhor. Sinceramente nunca me preocupei muito com isso. O que é dizer muito, porque eu tenho tendência para me preocupar.

É assim: encontrei um tipo morto. A minha versão pequenina e adorável de nove anos e a minha ainda mais pequenina e adorável companheira de brincadeiras encontrámos um tipo com sangue a jorrar-lhe da boca, e esse sangue colou-se aos ténis pequeninos e adoráveis dela quando voltámos de bicicleta para casa. É tudo muito dramático e tal, mas e daí? Não conhecia o tipo. Pessoas que não conheço morrem a toda a hora. Se tivesse um esgotamento nervoso de cada vez que acontecesse qualquer coisa má no mundo, por esta altura estava completamente passado dos carretos.

Nessa noite, entrei no quarto para ir para a cama às nove da noite, porque às nove era a minha hora de ir para a cama. A minha mãe aconchegou-me, disse-me que me amava e eu respondi:

— Até amanhã.

E ela respondeu:

— Até amanhã.

E depois apagou a luz e fechou a porta quase-toda-mas-deixando-uma-fresta.

Quando me virei para o lado, vi Margo Roth Spiegelman de pé à minha janela, com a cara quase encostada à rede de proteção. Levantei-me e abri a janela, mas a rede continuou entre nós, dividindo a cara dela em pequenas quadrículas.

— Fiz uma investigação — disse-me ela com um ar sério.

Mesmo ao perto, a rede recortava a sua cara, mas dava para ver que segurava um pequeno caderno preto e um lápis com marcas de dentes à volta da borracha. Ela olhou para os apontamentos.

— A senhora Feldman, de Jefferson Court, disse que ele se chamava Robert Joyner. Disse-me que ele vivia em Jefferson Road, num daqueles apartamentos sobre a mercearia, por isso fui lá e estavam lá imensos políciais, e um deles perguntou-me se trabalhava no jornal da escola, e respondi-lhe que a nossa escola não tinha jornal, e ele disse que desde que eu não fosse jornalista responderia às minhas perguntas. Disse-me que Robert Joyner tinha trinta e seis anos. Era advogado. Não me deixaram entrar no apartamento, mas uma senhora chamada Juanita Alvarez vive ao lado dele, e entrei no apartamento dela pedindo-lhe se me emprestava uma chávena de açúcar, e ela contou-me que Robert Joyner se tinha suicidado com uma pistola. E depois eu perguntei-lhe porquê e ela respondeu-me que ele estava a divorciar-se e se sentia muito triste.

Nessa altura, Margo parou, e fiquei a olhar para ela, a sua cara pálida à luz do luar, e dividida em milhares de quadradinhos pela rede. Os seus olhos grandes e redondos passavam rapidamente do caderno para mim e vice-versa.

— Muitas pessoas passam por divórcios e não se suicidam — declarei.

— Eu *sei* — respondeu ela, com entusiasmo. — Foi *isso* que disse a Juanita Alvarez. E ela respondeu... — Margo virou a página do caderno. — Ela respondeu que o senhor Joyner estava perturbado. Depois perguntei-lhe o que isso queria dizer e ela disse-me que devíamos só rezar por ele e que tinha de levar o açúcar para a minha mãe, e eu disse-lhe para esquecer o açúcar e saí.

Fiquei calado. Só queria que ela continuasse a falar, aquela vizinha carregada com o entusiasmo de quem quase sabe as coisas, fazendo-me sentir que algo importante me estava a acontecer.

— Acho que se calhar sei porquê — disse ela por fim.

— Porquê?

— Se calhar, todos os fios dentro dele se partiram.

Enquanto tentava pensar em algo para responder àquilo, estiquei-me e destranquei a rede que nos separava, tirando-a da janela. Pousei-a no chão, mas Margo não me deu hipótese de falar. Antes de conseguir voltar a sentar-me, encostou a cara à minha e sussurrou:

— Fecha a janela.

E eu fechei. Pensei que se ia embora, mas ficou ali, a olhar para mim. Disse-lhe adeus e sorri, mas os olhos dela pareciam fixar-se em algo atrás de mim, algo monstruoso que lhe sugara todo o sangue da cara, e senti demasiado medo para me virar para trás e ver. Mas não havia nada atrás de mim, claro... exceto talvez o tipo morto.

Parei de dizer adeus com a mão. A minha cabeça estava ao mesmo nível da dela enquanto olhávamos um para o outro cada um do seu lado do vidro. Não me lembro de como acabou, se fui para a cama ou se foi ela. Na minha memória não acaba. Ficámos ali, a olhar um para o outro, para sempre.

Margo sempre adorou mistérios. E em tudo o que se seguiu nunca consegui deixar de pensar que se calhar ela adorava tanto os mistérios que acabou por se tornar ela própria num mistério.

1.

O dia mais longo da minha vida começou atrasado. Acordei tarde, demorei demasiado tempo no chuveiro e acabei por ter de gozar o meu pequeno-almoço no lugar do passageiro do monovolume da minha mãe às 7h17 daquela manhã de quarta-feira.

Normalmente apanhava boleia para a escola do meu melhor amigo, Ben Starling, mas Ben tinha ido para a escola a horas, o que o tornava completamente inútil para mim. «A horas», para nós, significava trinta minutos antes da primeira aula, porque aquela meia hora antes do primeiro toque era o ponto alto da nossa vida social: ficar de pé à porta da sala da banda, a conversar. A maior parte dos meus amigos estava na banda, e a maior parte do meu tempo livre na escola era passado a um raio de seis metros da sala da banda. Mas eu não estava na banda porque sofro de uma inaptidão a nível musical que está normalmente associada à surdez. Ia chegar vinte minutos atrasado, o que na realidade significava que ia chegar com uma antecedência de dez minutos relativamente às aulas propriamente ditas.

Enquanto guiava, a minha mãe perguntava-me acerca das aulas, dos exames e do baile de finalistas.

— Eu não acredito em bailes de finalistas — recordei-lhe, enquanto ela fazia uma curva.

Com destreza, segurei a minha tigela de cereais para compensar as forças G. Não era a primeira vez que fazia aquilo.

— Bem, não faz mal nenhum ir só com uma amiga. Tenho a certeza de que podias convidar a Cassie Hiney.

E a verdade é que *podia* ter convidado Cassie Hiney, que era perfeitamente simpática, agradável e bonita, apesar de ter um apelido extremamente infeliz.

— Não é só o facto de não gostar do baile de finalistas. Também não gosto das pessoas que gostam de bailes de finalistas — expliquei, apesar de isto ser, na verdade, uma mentira. O Ben estava verdadeiramente delirante com a perspectiva de ir.

A minha mãe virou para a escola e eu segurei a tigela com as duas mãos enquanto passávamos por uma lomba. Olhei de relance para o parque de estacionamento dos finalistas. O *Honda* cinzento da Margo Roth Spiegelman estava estacionado no seu lugar habitual. A minha mãe entrou com o monovolume para uma rua sem saída no exterior da sala da banda e beijou-me na cara. Via o Ben e os meus outros amigos lá fora, formando um semicírculo.

Fui ter com eles e o semicírculo expandiu-se imediatamente para me acolher. Estavam a falar sobre a minha ex-namorada, Suzie Chung, que tocava violoncelo e, aparentemente, estava a dar muito que falar por andar a namorar com um jogador de basebol chamado Taddy Mac. Se este era mesmo o nome verdadeiro dele, não sei. Mas, fosse como fosse, Suzie decidira ir ao baile de finalistas com Taddy Mac. Mais uma baixa.

— Mano — disse Ben, do outro lado do semicírculo.

Fez-me sinal com a cabeça e virou-se para trás. Segui-o e entrámos pela porta. Criatura pequena e morena que atingira a puberdade, mas não com muita força, Ben era o meu melhor amigo desde o quinto ano, quando ambos finalmente reconhecemos que muito provavelmente nenhum de nós ia conseguir atrair mais ninguém para melhor amigo. Além disso, ele esforçava-se muito e eu gostava disso... a maior parte do tempo.

— Como vai isso? — perguntei.

Estávamos em segurança lá dentro, as conversas de toda a gente tornando a nossa inaudível.

— O Radar vai ao baile de finalistas — disse ele pesarosamente.

Radar era o nosso outro melhor amigo. Chamávamos-lhe Radar porque ele parecia um tipo baixinho de óculos chamado Radar numa série antiga de TV chamada *M*A*S*H*, exceto

que 1. o Radar da TV não era negro, e 2. a determinado momento após a atribuição desta alcunha, o nosso Radar cresceu uns quinze centímetros e começou a usar lentes de contacto, portanto admito que 3. na verdade não era nada parecido com o tipo do *M*A*S*H*, mas 4. a três semanas e meia do fim do secundário, não lhe íamos mudar a alcunha.

— Com aquela tal de Angela? — perguntei.

Radar nunca nos dizia nada acerca da sua vida amorosa, mas isso não nos dissuadia de especular.

Ben anuiu e disse:

— Sabes do meu grande plano para convidar uma coelhinha fresca para o baile de finalistas porque só elas é que não sabem a história do Ben, «o *Sangrento*»?

Respondi que sim com a cabeça.

— Bem — continuou Ben —, esta manhã uma coelhinha querida do nono ano veio ter comigo e perguntou-me se eu era o Ben «o *Sangrento*» e eu comecei a explicar que tinha sido uma infeção nos rins e ela riu-se e fugiu a correr. Portanto, essa ideia já era.

No décimo ano, Ben foi internado com uma infeção nos rins, mas Becca Arrington, a melhor amiga da Margo, lançou o boato de que a verdadeira razão para ele ter sangue na urina era masturbação crónica. Apesar da improbabilidade médica, essa história assombrava Ben desde essa altura.

— Que treta — comentei.

Ben começou a delinear planos para arranjar um par, mas só metade de mim o estava a ouvir, porque através da cada vez mais espessa corrente de humanidade que enchia o corredor conseguia ver Margo Roth Spiegelman. Estava junto ao seu cacifo, de pé ao lado do namorado, Jase. Tinha uma saia branca até ao joelho e um *top* com um estampado azul. Consequia ver-lhe a clavícula. Ria-se histericamente de qualquer coisa, com os ombros inclinados para a frente, os cantos dos seus enormes olhos enrugados e a boca toda aberta. Mas não parecia tratar-se de nada que tivesse sido dito pelo Jase, porque estava a olhar para longe dele, para o outro lado do corredor, para um conjunto de cacifos. Segui os olhos dela e vi Becca Arrington toda enrolada à volta de um jogador de basebol, como se

ela fosse um enfeite e ele uma árvore de Natal. Sorri para a Margo, muito embora soubesse que ela não me conseguia ver.

— Mano, devias atirar-te àquilo. Esquece o Jase. Deus, aquilo é que é uma coelhinha recheada de mel.

Enquanto andávamos, estava sempre a olhar de relance para ela pelo meio da multidão, como numa sequência de pequenas fotografias: uma série fotográfica intitulada *Perfeição Parada enquanto Meros Mortais Passam*. À medida que me aproximava, comecei a pensar que se calhar não se estava nada a rir. Talvez tivesse recebido uma surpresa ou uma prenda ou qualquer coisa assim. Não parecia ser capaz de fechar a boca.

— Sim — respondi a Ben ainda sem o ouvir, ainda a tentar ver o máximo possível dela sem ser demasiado óbvio.

Nem sequer era por ela ser assim tão bonita. Era só fantástica, e em sentido literal. E depois já estávamos demasiado longe dela, com demasiadas pessoas entre mim e ela, e nunca consegui estar suficientemente perto para a ouvir falar ou perceber o que fora a surpresa hilariante. Ben abanou a cabeça porque já me vira a olhar para ela um milhão de vezes e já estava habituado.

— Sinceramente, ela é boa, mas não é assim *tão* boa. Sabes quem é que é mesmo boa?

— Quem? — perguntei.

— A Lacey — respondeu. Era a outra melhor amiga da Margo. — E a tua mãe também. Mano, vi a tua mãe a beijar-te a cara esta manhã, e desculpa, mas juro por Deus que fiquei tipo, *mano, quem me dera ser o Q. E também quem me dera que a minha cara tivesse pénis*.

Dei-lhe uma cotovelada nas costelas mas continuava a pensar na Margo, porque ela era a única lenda que vivia ao meu lado. Margo Roth Spiegelman, cujo nome de seis sílabas era frequentemente dito completo, com uma espécie de reverência silenciosa. Margo Roth Spiegelman, cujas histórias de aventuras épicas percorriam a escola como uma tempestade de verão: um velho que vivia numa casa abandonada em Hot Coffee, no Mississípi, ensinou Margo a tocar guitarra. Margo Roth Spiegelman, que passou três dias a viajar com o circo; eles acharam que ela tinha potencial para o trapézio. Margo

Roth Spiegelman, que bebeu uma chávena de chá de ervas com os The Mallionaires nos bastidores depois de um concerto em Saint Louis, enquanto eles bebiam uísque. Margo Roth Spiegelman, que entrou nesse concerto por dizer ao segurança que era a namorada do baixista, e se não a reconheciam, e a sério rapazes, chamo-me Margo Roth Spiegelman, e se forem lá atrás e pedirem ao baixista que venha ver-me, ele dir-vos-á que sou a namorada dele ou que ele gostaria que fosse, e o segurança fez isso, e o baixista disse: «Sim, é a minha namorada, deixem-na entrar», e depois, mais tarde, o baixista quis envolver-se com ela e ela *rejeitou o baixista dos The Mallionaires*.

As histórias, quando eram partilhadas, acabavam inevitavelmente com um, *a sério, dá para acreditar?* Normalmente não, não dava, mas provava-se sempre que eram verdadeiras.

E depois estávamos diante dos nossos cacifos. Radar estava encostado ao cacifo de Ben, escrevendo num PDA.

— Então vais ao baile de finalistas — disse-lhe.

Ele olhou para cima e depois voltou a olhar para baixo.

— Estou a *desvandalizar* o artigo do Omnictionary sobre um ex-primeiro-ministro de França. Ontem à noite alguém eliminou todo o artigo e depois substituiu-o pela frase «O Jacques Chirac é uma *gay*», o que por acaso está errado tanto factual como gramaticalmente.

Radar é um editor importante de uma fonte de referências *online* criada por utilizadores chamada Omnictionary. Toda a sua vida é dedicada à manutenção e bem-estar do Omnictionary. Esta era apenas uma de muitas razões pelas quais o facto de ele ter um par para o baile de finalistas ser algo surpreendente.

— Então vais ao baile de finalistas — repeti.

— Desculpa — respondeu sem olhar para cima.

Era um facto sobejamente conhecido que eu me opunha ao baile de finalistas. Não havia absolutamente parte nenhuma naquilo que me interessasse, nem as danças lentas, nem as danças rápidas, nem os vestidos, e definitivamente nem o *smoking* alugado. Alugar um *smoking* parecia-me ser uma excelente maneira de apanhar uma doença qualquer horrorosa do anterior utilizador e eu não tinha a mínima intenção de ser o único virgem do mundo com chatos.

— Mano — disse Ben a Radar —, as coelhinhas frescas sabem da história do Ben, «o *Sangrento*».

Radar pousou finalmente o PDA e anuiu com uma expressão solidária.

— Mas, seja como for — continuou Ben —, as duas estratégias que me restam são comprar um par para o baile de finalistas na Internet ou apanhar um avião para o Missouri e raptar uma coelhinha querida alimentada a trigo.

Já tentara dizer a Ben que «coelhinha» parecia mais sexista e foleiro que fixe-retro, mas ele recusava-se a deixar de o dizer. Chamava à sua própria mãe coelhinha. Não tinha cura.

— Eu pergunto à Angela se conhece alguém — disse Radar. — Embora arranjar-te um par para o baile de finalistas vá ser mais duro que transformar chumbo em ouro.

— Arranjar-te um par para o baile de finalistas é tão duro que a mera ideia é utilizada para cortar diamantes — acrescentei.

Radar bateu com os punhos no cacifo duas vezes para expressar o seu apreço, e depois ripostou com outra.

— Ben, arranjar-te um par para o baile de finalistas é tão duro que o governo americano acredita que o problema não poderá ser resolvido com diplomacia, mas sim através do uso da força.

Estava a tentar pensar noutra quando nós os três vimos simultaneamente o contentor de esteroides anabólicos em forma humana conhecido como Chuck Parson a vir na nossa direção. Chuck Parson não participava em desportos organizados, isto porque tal distraí-lo-ia daquilo que era o seu grande objetivo de vida: um dia ser condenado por homicídio.

— Ei, paneleiros — chamou.

— Chuck — respondi, com a maior simpatia que me foi possível.

Chuck não nos dava problemas a sério há uns anos, alguém do mundo dos miúdos fixes lançara o decreto de que nós devíamos ser deixados em paz. Por isso era pouco habitual ele dirigir-nos sequer a palavra.

Talvez por eu ter falado, ou talvez não, bateu com as mãos nos cacifos, uma de cada lado da minha cabeça, e depois chegou-se tão perto de mim que dava para perceber a marca da pasta de dentes dele.

— O que sabes sobre a Margo e o Jase?

— Hã? — retorqui.

Pensei em tudo o que sabia sobre eles: Jase tinha sido o primeiro e único namorado a sério da Margo Roth Spiegelman. Tinham começado a namorar no final do ano passado. Ambos iam para a Universidade da Florida no próximo ano. Jase ganhara uma bolsa de basebol para lá. Ele nunca ia a casa dela exceto para a ir buscar. Ela nunca agia como se gostasse assim tanto dele, mas também nunca agia como se gostasse assim tanto fosse de quem fosse.

— Nada — acabei por responder.

— Não me tentes enrolar — rosnou.

— Eu mal a *conheço* — afirmei, e isso tornara-se verdade.

Ele ponderou a minha resposta por um minuto e eu tentei fixar o olhar nos olhos dele. Ele anuiu muito ligeiramente, empurrou os cacifos e afastou-se para a sua primeira aula: cuidados e alimentação dos músculos peitorais. Soou o segundo toque. Um minuto para chegar à aula. Radar e eu tínhamos cálculo, Ben tinha matemática avançada. As salas de aula eram adjacentes e caminhámos até elas em conjunto, os três em fila, na esperança de que a maré de colegas se separasse o suficiente para nos permitir passar, o que aconteceu.

Eu disse:

— Arranjar-te um par para o baile de finalistas é tão duro que mil macacos a escrever em mil máquinas de escrever durante mil anos não escreveriam «Eu vou ao baile de finalistas com o Ben» uma única vez.

Ben não resistiu a atacar-se a si mesmo.

— As minhas hipóteses de levar alguém ao baile de finalistas são tão más que a avó do Q rejeitou-me. Disse-me que estava à espera que o Radar a convidasse.

Radar anuiu lentamente.

— É verdade, Q. A tua avó adora os manos.

Era tão ridiculamente fácil esquecer o Chuck, falar do baile de finalistas, embora não me interessasse minimamente pelo baile de finalistas. Assim era a vida naquela manhã: nada interessava lá muito, nem as coisas boas, nem as coisas más. O nosso negócio era a diversão mútua e não estávamos a sair-nos mal.

Passei as três horas seguintes em salas de aula, tentando não olhar para os relógios dispostos sobre os diferentes quadros, e depois olhando para os relógios e ficando espantado por terem passado tão poucos minutos desde a última vez que olhara para lá. Já ia com quase quatro anos de experiência a olhar para estes relógios, mas a lentidão deles nunca deixava de me surpreender. Se alguma vez me disserem que só tenho mais um dia de vida, vou direitinho para as salas de aula da Escola Secundária de Winter Park, onde um dia pode perfeitamente arrastar-se por mil anos.

Mas embora a terceira aula do dia, física, parecesse não ter fim, a verdade é que acabou, e dentro em breve estava no refeitório com Ben. A hora de almoço de Radar era depois da quarta aula, tal como a da maioria dos nossos amigos, por isso Ben e eu costumávamos sentar-nos sozinhos, a alguns lugares de distância de uns miúdos do grupo de teatro nossos conhecidos. Hoje ambos comíamos minipizas de *pepperoni*.

— Piza é bom — comentei.

Ele anuiu distraidamente.

— O que se passa? — perguntei.

— Nada — respondeu, com a boca cheia de piza. Engoliu e continuou. — Eu sei que achas parvo, mas quero ir ao baile de finalistas.

— Ponto um, sim, acho parvo. Ponto dois, se queres ir, vai. Ponto três, se não me engano, ainda nem sequer convidaste ninguém.

— Convidei a Cassie Hiney durante cálculo. Escrevi-lhe um bilhetinho.

Ergui o sobrolho interrogativamente. Ben meteu a mão no bolso dos calções e passou-me um pedaço de papel todo dobrado. Alisei-o:

*Ben,
Adorava ir ao baile de finalistas contigo, mas já vou com o
Frank. Desculpa!*

C

Voltei a dobrá-lo e a passá-lo para o outro lado da mesa. Lembra-me de jogar futebol de dedos nestas mesas.

— Que treta! — exclamei.

— Pois, não interessa.

Paredes de som pareciam desabar sobre nós e ficámos em silêncio por alguns momentos, depois Ben olhou para mim com um ar muito sério e disse:

— Vou rodar tanto na faculdade! Vou entrar no *Livro de Recordes do Guinness* na categoria «Maior Número de Coelhinhos Satisfeitas».

Ri-me. Estava a pensar sobre o facto de os pais de Radar estarem, de facto, no *Livro de Recordes do Guinness* quando reparei numa bonita rapariga afro-americana com pequenas rastas espigadas que estava de pé, junto a nós. Demorei um bocadinho a perceber que era Angela, a deduzo-que-possa-chamar-namorada de Radar.

— Olá — cumprimentou-me ela.

— Olá — respondi.

Tinha tido aulas com Angela e conhecia-a minimamente, mas não nos cumprimentávamos nos corredores nem nada do género. Fiz-lhe sinal para se sentar. Ela arrastou uma cadeira para a cabeceira da mesa.

— Parto do princípio que vocês conheçam o Marcus melhor que ninguém — afirmou, usando o verdadeiro nome de Radar.

Inclinou-se na nossa direção, com os cotovelos apoiados na mesa.

— É um trabalho de treta, mas alguém tem de o fazer — respondeu Ben com um sorriso.

— Acham que ele tem, tipo, vergonha de mim?

Ben riu-se.

— Quê?! Não — respondeu.

— Tecnicamente — acrescentei —, *tu* é que devias ter vergonha *dele*. Revirou os olhos, sorrindo. Uma rapariga habituada a receber elogios.

— Mas é que ele, tipo... nunca me convidou para passar tempo convosco.

— Ahhhh! — exclamei, percebendo finalmente. — Isso é porque ele tem vergonha de *nós*.

Ela riu-se.

— Vocês parecem bastante normais.

— Nunca viste o Ben a sugar *Sprite* pelo nariz e depois a cuspi-la pela boca — declarei.

— Pareço uma fonte gaseificada enlouquecida — comentou ele, num tom inexpressivo.

— Mas a sério, não ficavam preocupados? Quer dizer, namoramos há cinco semanas e nem sequer me levou a casa dele.

Ben e eu trocámos um olhar de compreensão, e fiz uma careta para suprimir uma gargalhada.

— O que foi? — perguntou.

— Nada — respondi. — A sério, Angela. Se ele te obrigasse a passar tempo connosco e te estivesse sempre a levar a casa dele...

— Isso queria dizer que definitivamente *não* gostava de ti — concluiu Ben.

— Os pais dele são estranhos?

Debati-me acerca de como responder a essa pergunta com sinceridade.

— Mmm, não. São fixes. Talvez só um bocadinho superprotetores.

— Sim, superprotetores — concordou Ben, talvez um bocadinho depressa demais.

Ela sorriu e levantou-se, dizendo que tinha de ir cumprimentar alguém antes do fim da hora de almoço. Ben esperou até ela sair para falar.

— Aquela rapariga é espetacular — comentou.

— Eu sei — respondi. — Será que podemos substituir o Radar por ela?

— Só que provavelmente não tem grande jeito com computadores. Precisamos de alguém que tenha jeito com computadores. Além disso, aposto que não tem jeito nenhum para jogar *Resurrection* — esse era o nosso videogame preferido. — Já agora — acrescentou —, boa ideia chamar superprotetores aos pais do Radar.

— Bem, não me cabe a mim dizer-lhe.

— Pergunto-me quanto tempo levará ela a entrar na Residência e Museu da Equipa Radar — comentou Ben com um sorriso.

A hora estava quase a acabar, por isso Ben e eu levantámo-nos e depositámos os tabuleiros no tapete rolante. O mesmo tapete rolante para onde Chuck Parson me tinha atirado no meu ano de caloiro, enviando-me para o mundo perdido da lavagem de loiça da Winter Park. Fomos até ao cacifo de Radar e estávamos lá quando ele chegou a correr, logo a seguir ao primeiro toque.

— Decidi durante a aula de governo que, literalmente, chuparia as bolas de um burro se pudesse não voltar àquela aula até ao fim do semestre — declarou.

— Pode aprender-se muito sobre governo com bolas de burro — afirmei. — Por falar em razões por que seria preferível almoçares no quarto tempo, acabámos de comer com a Angela.

Ben sorriu para Radar e comentou:

— Sim, ela quer saber porque nunca foi a tua casa.

Radar suspirou longamente enquanto rodava o cadeado para introduzir o código do cacifo. Suspirou durante tanto tempo que pensei que ia desmaiar.

— Bolas! — exclamou finalmente.

— Tens vergonha de alguma coisa? — perguntei com um sorriso.

— Cala-te — respondeu, espetando-me o cotovelo na barriga.

— Vives numa casa lindíssima — continuei.

— A sério, mano — acrescentou Ben. — Ela é uma rapariga fantástica. Não percebo porque não podes apresentá-la aos teus pais e mostrar-lhe a Casa Radar.

Radar atirou os livros para dentro do cacifo e fechou-o. O murmúrio das conversas à nossa volta baixou um pouco de intensidade, enquanto ele revirava os olhos para o céu e gritava:

— NÃO TENHO CULPA QUE OS MEUS PAIS TENHAM A MAIOR COLEÇÃO DE PAIS NATAIS NEGROS DO MUNDO.

Provavelmente já tinha ouvido Radar dizer «a maior coleção de pais natais negros do mundo» um milhar de vezes na minha vida, e nunca a frase perdeu o mínimo de piada. Mas ele não estava a gozar. Lembrava-me da primeira vez que lá tinha ido. Tinha para

aí treze anos. Era primavera, muitos meses depois do Natal, e no entanto o parapeito das janelas estava repleto de pais natais negros. Recortes em papel de pais natais negros estavam pendurados no balaústre das escadas. Velas de pais natais negros adornavam a mesa da sala de jantar. Um quadro a óleo de um pai natal negro estava pendurado sobre a lareira, que estava ela própria repleta de figuras de pais natais negros. Tinham um distribuidor de rebuçados *Pez* na forma de um pai natal negro comprado na Namíbia. O pai natal negro de plástico iluminado que entre o dia de Ação de Graças e o dia de Ano Novo estava colocado no jardim da frente passava o resto do ano orgulhosamente de vigia no canto da casa de banho das visitas, uma casa de banho revestida com papel de parede repleto de pais natais negros, que tinha sido feito em casa com tinta e uma esponja em forma de pai natal. Em todas as divisões, exceto no quarto de Radar, a casa deles estava coberta de pais natais negros, de gesso, de plástico, de mármore, de barro, de madeira, de resina e de tecido. No total, os pais do Radar tinham mais de mil e duzentos pais natais negros de diferentes tipos. Como proclamava uma placa colocada na porta da frente, a casa de Radar estava oficialmente registada como Património dos Pais Natais segundo a Sociedade do Natal.

— Tens de lhe dizer, meu — expliquei. — É só dizer-lhe: «Angela, gosto a sério de ti, mas tens de saber uma coisa, quando estivermos em minha casa a enrolar-nos, vamos ser observados pelos dois mil e quatrocentos olhos de mil e duzentos pais natais negros.»

Radar passou a mão pelo cabelo cortado à escovinha e abanou a cabeça.

— Sim. Não me parece que lhe vá dizer exatamente assim, mas vou lidar com isso.

Segui para a aula de governo, Ben para uma aula opcional de *design* de videojogos. Observei relógios durante mais duas aulas e depois, por fim, o alívio percorreu-me o corpo quando acabei; o final de cada dia era como que um ensaio para a nossa graduação daí a menos de um mês.

Fui para casa. Comi duas sanduíches de manteiga de amendoim e doce como aperitivo para o jantar. Vi póquer na televisão. Os meus

pais chegaram às seis, abraçaram-se um ao outro e abraçaram-me a mim. Comemos uma caçarola de macarrão ao jantar propriamente dito. Perguntaram-me sobre a escola. Perguntaram-me sobre o baile de finalistas. Maravilharam-se com o fantástico trabalho que tinham feito a criar-me. Falaram-me dos dias que passavam a lidar com pessoas que tinham sido criadas de maneira menos brilhante. Foram ver televisão. Fui para o meu quarto ver os *e-mails*. Escrevi um bocadinho acerca de *O Grande Gatsby* para a aula de inglês. Li alguns artigos de *O Federalista* para começar a estudar para o exame final de governo. Conversei no Messenger com Ben e depois Radar juntou-se a nós *online*. Na conversa, ele usou a frase «a maior coleção de pais natais negros do mundo» quatro vezes e eu ri-me em todas elas. Disse-lhe que estava feliz por ele ter uma namorada. Ele disse que ia ser um verão espetacular. Eu concordei. Era dia 5 de maio, mas não tinha de ser. Os meus dias tinham uma semelhança agradável entre eles. Sempre tinha gostado disso, gostava de rotina. Gostava de estar aborrecido. Não queria, mas gostava. E, assim, o dia 5 de maio podia ter sido qualquer outro dia, isto até imediatamente antes da meia-noite, quando Margo Roth Spiegelman abriu a janela, agora sem rede, do meu quarto pela primeira vez desde que me tinha dito para a fechar, nove anos antes.